

Expresso 6/6/98

ÁFRICA DO SUL

Botha e Machel: a busca da verdade

A COMISSÃO da Verdade e da Reconciliação, que investiga os crimes cometidos na África do Sul durante o regime do «apartheid», não teve mãos a medir esta semana: enquanto o

ex-Presidente Pieter Wilhelm Botha comparecia finalmente — mas contrariado — neste «tribunal», uma subcomissão reunida na Cidade do Cabo abria, na quinta-feira, as audições sobre o caso da morte

do antigo Presidente moçambicano Samora Machel.

No caso de Botha, teve de ouvir um polícia chamar-lhe «**cobarde**», durante uma confrontação pública que o antigo Presidente, de 82 anos, e os seus advogados se esforçaram por evitar, recusando por três vezes responder a uma notificação para prestar declarações perante a Comissão.

Acusado de desobediência ao tribunal, por recusar comparecer, Botha foi esta semana obrigado a fazê-lo e a ouvir uma série de testemunhas, convocadas pela Comissão por terem denunciado o alegado papel do Governo de

Botha numa vaga de torturas, crimes e violações dos direitos humanos.

O ponto alto da semana surgiu quando o polícia Eugene de Kock declarou à Comissão ser evidente que o Governo de Botha aprovara as suas acções, mas procurava agora abandonar aqueles que tinham lutado por ele. «**Querem comer carne de cordeiro, mas não querem ver o sangue nem as tripas**», disse. Botha pode ser condenado a uma multa equivalente a cerca de 700 contos ou a dois anos de prisão.

Um subcomité da Comissão da Verdade ouviu entretanto, na quinta-feira, na Cidade do Cabo, cinco teste-

munhas, acerca das ligações suspeitas entre as forças de segurança da África do Sul e o acidente aéreo que em 1986 vitimou o então Presidente moçambicano, Samora Machel.

O porta-voz da Comissão disse que, embora as audiências tivessem decorrido à porta fechada, as conclusões da Comissão seriam incluídas no relatório final, a publicar no final deste ano ou no início do próximo.

Na altura, as autoridades sul-africanas atribuíram o acidente — que ocorreu no seu território — a um erro de pilotagem. Mas os investigadores soviéticos insistiram em que o avião, um Tupolev, fora atraído contra a montanha por um falso radar.

Entre os que prestaram declarações esta semana esteve um antigo funcionário superior moçambicano e vários antigos membros das forças de segurança sul-africanas.

Ed O'LOUGHLIN

correspondente em Joanesburgo